Diário Comboio

Diário Comboio

RAQUEL MIRAGAIA

ATRAVÉS
editora

ATRAVÉS das letras 50

Diário Comboio

1ª e 2ª edição na Laiovento: 2003
1ª edição na Através: fevereiro 2025

© 2025 AGAL
© Raquel Miragaia
© da fotografia, Luz Castro
© do prólogo, Bernardo Penabade

Associaçom Galega da Língua
Santiago de Compostela (Galiza)
atraves@a.gal
www.atraves-editora.com

ISBN: 978-84-16545-99-5
Depósito legal: C 265-2025

Fotografia: Luz Castro

Fotografia de Raquel Miragaia: Alfredo Matos
Coordenação editorial: Valentim Fagim
Revisão linguística: Valentim Fagim e Noélia Toja
Diagramação e capa: Miguel Durão

Impresso na Galiza: Sacauntos Coop. Gráfica

Este livro está escrito numa variedade galega do português
Reservados todos os direitos de acordo com a legislação em vigor

Índice

Prólogo | 9
A Escravitude | 15
A senhora Engrácia | 25
Valero | 34
Berta | 44
Paco | 53
Pilar | 61
Domingos | 71
O velho Vicente | 79
Casa Manolo | 86
Pedrinho | 91
O comboio | 96

A Escravitude

Prólogo

A Escravitude: um nome feio para um lugar bem bonito e estrategicamente situado no Caminho Português. A só cinco quilómetros após ter passado Padrom e apenas a quinze para chegar a Santiago de Compostela, está bem comunicado por caminho de ferro, por estrada e até polo clássico caminho-de-São-Fernando (a metade a pé e a outra metade andando) que nos leva por geografias de topónimos exageradamente lindos: Íria Flávia, Porta dos Marinhos, Picaranha, Faramelho, Ameneiro, Galanas, Milhadoiro e ainda outros. Realismo absolutamente real, com aparência de realismo mágico no estilo de Cunqueiro ou de García Márquez.

Mesmo assim, com todos estes elementos a favor, a Escravitude estava em decadência. Se não fosse desde 1873 (a altura em que se inaugurou a comunicação ferroviária), como mínimo nos últimos vinte anos o comboio entrava no lugar como em via moribunda, guiado sempre polo mesmo maquinista e recebido todos os dias apenas polo chefe-de-estação. No centro da aldeia um único comércio esmorecia, só enquanto continuasse com forças o Manolo, que o atendia por tradição familiar e também por outra poderosa razão que com o tempo se irá descobrindo. Os seus habitantes ou padeciam doenças graves, ou eram já de idade, tanto que até a adivinhadora — de nome Sra. Engrácia — chegara à reforma. Com saudades, mas a meiga estava reformada.

Neste contexto, a novidade: chega a Berta, a desconhecida que comprou uma casa indiana tão querida polo seu dono que este se suicidou porque a sua família emigrada não queria retornar para viver nela. E, perante o acontecimento que rompe a monótona parálise ou nulo discorrer da comunidade, o lógico é que vizinhos e vizinhas fiquem com in-

triga: quem será essa mulher?, de onde virá?, a que se estará dedicando?, por que razão terá vindo?... e, sobre tudo, será pessoa de confiança?

Não se preocupe a comunidade leitora: nada a temer, a história que se conta nem é um *thriller*, nem existem armas, sangue e violências físicas ou verbais. Com a tranquilidade que transmite a música de Miles Davis de fundo, a Berta lê a poesia de Kaváfis, abre as janelas da casa, respira fundo e recebe as visitas de cortesia. Desaparecido o cheiro ranço a lugar fechado, graças a ela sabemos mais sobre a Sra. Engrácia, sobre o Valero (o chefe-de-estação) e sobre o pintor Paco, a indecisa Pilar, o Domingos maquinista, o velho Vicente e o comerciante Manolo. Depois, para alçar o voo e chegar às alturas, a história do Pedrinho.

Como muitas outras pessoas que chegaram pola primeira vez à Galiza (uma grande Escravitude), a Berta pensa que será só por um período transitório de seis meses. Mas o seu futuro, como o do vizinho Paco, que também mora "na montanha", não evolui tal e como estava escrito. Tradicionalmente, o comboio era o limite: a porta de entrada e de saída, que nunca se cruzava. Mas a forasteira apeou-se, cruzou a via e achou o lugar tranquilo que procurava para deixar atrás a sua própria "escravitude".

Após vinte anos de monotonia, um dia a chegada do comboio marca um ponto de inflexão porque, como se diz no último capítulo, a máquina "é um buraco polo qual o ar circula com liberdade, renovando-se". Da mesma maneira, o *Diário Comboio* é também ar fresco por conteúdo, por estilo e até polo tratamento da língua. Quase vinte e cinco anos depois de ser escrito e editado por vez primeira, constatamos o seu poder de antecipação à mudança social do presente século. A Escravitude tomara o seu nome em 1732 por desígnio

de um peregrino doente, que fazia o Caminho Português e que curou só três dias mais tarde de ter bebido na fonte do lugar; e outro tanto se passou com a vivenda indiana que tinha levantado o emigrante Lino Bouças e que a nova moradora libertou da escravatura do abandono e a converteu no seu lar. É justamente o que ocorre no momento presente — mais ainda depois do confinamento de 2020 — quando milhares de jovens das cidades galegas, das grandes urbes da Espanha e ainda doutros lugares do mundo descobriram a global Escravitude galega como um lugar ideal para trabalhar e gozar da vida.

Se Berta viaja de comboio entre Santiago de Compostela e as terras da Íri Flávia na procura de ar fresco, através do *Diário Comboio* viaja o nosso idioma. Da aldeia para vila e da vila para a cidade. Com retorno da cidade à vila e da vila à aldeia. Se os anos 80 foram os da codificação para ser usado na expressão escrita em território galego, o seguinte decénio (entre 1990 e o final do século) foi o da divulgação social através de entidades políticas, sindicatos e dos centros sociais urbanos. Como o processo se tornou convulso por questões de ordem técnica e pragmática, no início do século XXI a vertebração do movimento reintegracionista estava em crise: as entidades sociais satelizadas, o número de incorporações insuficiente para cobrir as baixas; e com as baixas a precariedade económica tornava-se asfixiante. Neste contexto, apareceu na mesa de trabalho o manuscrito desta obra, escrito pola Raquel Miragaia, uma jovem desconhecida que — por sua vez — desconhecia as fragilidades da casa que a acolhia. Para a entidade editora, rejeitar uma obra tão bem escrita e com o trabalho de revisão já feito era uma maneira de transmitir desencanto à autora e também às pessoas que já conheciam a história e que a queriam ver em livro; mas pu-

blicar era impossível, por falta de dinheiro. Foi assim como a situação de necessidade obrigou a procurar uma alternativa e apareceu a hipótese da coedição com Laiovento, a única empresa com disposição para publicar na Galiza obras codificadas com os proscritos -lh- e -nh-. A negociação, fácil, foi um grande acerto para as duas partes: o livro viajou no serviço de novidades às principais livrarias do país, chegou aos departamentos de cultura dos meios de comunicação e o seu percurso foi recebido com sucesso nos habituais encontros de lançamento. A primeira impressão ficou esgotada em só uns meses e no mesmo ano 2002 foi necessária uma segunda.

O *Diário Comboio* foi como o pão sob o braço da criança. Com ele não houve que voltar a começar de zero após uma paragem, algo a que estávamos habituados no ciclo de desenvolvimento da cultura galega. O que se deu em chamar "livro da Raquel Miragaia" também marcou um ponto de inflexão: continuidade com o que se tinha feito e início do avanço que desembocou na Através, a editora transfronteiriça com gestão profissional. Nem pausa, nem um passo atrás. A escritora de Tardade, em Vilalva, viu publicado o seu primeiro livro tal como o tinha redigido, seguindo o caminho marcado por Ernesto Guerra da Cal em 1959 com a *Lua de Além-Mar* e reafirmado em 1963 polo *Rio de Sonho e Tempo*.

E agora?

Agora é profundamente diferente. Em quarenta e seis anos (1959-2025) o movimento reintegracionista conseguiu consolidar as entidades de referência (Associaçom Galega da Língua, Academia Galega da Língua Portuguesa, Escolas Semente, Portal Galego da Língua, Fundaçom Artábria, Gentalha do Pichel...) e apresenta outro roteiro em matéria de política linguística. Portanto, os desafios da reedição são muito mais ambiciosos dos que se apresentavam no momento ini-

cial da publicação. Agora esta história merece fazer viagem e torna-viagem. Com o apoio da Irmandade da Língua, deve ter força para chegar a Évora e Faro polo interior através da porta entre Verim e Chaves; para descer pola Raia Seca entre Ourense e Braga ou para passar por Tui em direção ao Lagos algarvio através de Valença, do Porto, Coimbra e Lisboa. Não esqueçamos que o caminho que aparece no *Diário Comboio* abriu ao trânsito em 1873, em pleno Rexurdimento, com a meta de alcançar reciprocidade no relacionamento de Norte a Sul e de Sul a Norte. Decorridos cento e cinquenta anos, com as modernas infraestruturas do Eixo atlântico da alta velocidade o processo será muito mais fácil.

Enquanto nos preparamos para alcançar essas metas, leiam. Abram os olhos e o coração a estes *nh*, *lh* e cês cedilhados ou sem cedilhar; e apoderem-se de todos quantos traços de união puderem abraçar. Ora, com calma, com muita calma, porque no *Diário Comboio* não se pode circular com pressas.

Se nalgum momento sentirem desacougo ou inquietação, nada de pensar em irem morrer à Escravitude. A Escravitude tem nome feio, mas é fonte de vida.

A Escravitude

Nom era um facto estranho que chegasse o comboio à vila. Cada dia, à hora do jantar, chegava o comboio à Escravitude e o maquinista descia com o seu saco de correio para deixar a correspondência ao chefe da estaçom.

— Que tal hoje a viagem?

— Como sempre, venho cansado. Este ano retiro-me. Quê..., quando vás morrer e deixar-me a herança?

— Para a primavera...

Durante vinte anos, o maquinista e o chefe da estaçom mantiveram a mesma conversa com o sorriso dos meninos que repetem as mesmas histórias, sabendo que os mais velhos se vam rir de qualquer forma. Assim, nom era inusitado que o comboio chegasse à Escravitude, ao contrário, era um hábito de muitos anos que nom tinha acabado, apesar de ser a viagem menos rentável da linha do caminho de ferro. Mas sim foi um bocado esquisito o dia em que a Berta chegou nesse comboio para instalar-se na vila, na casa dum emigrante que fora às Américas e nunca mais voltara. Tam esquisito que rompeu um costume sagrado à hora do jantar na Escravitude: a chegada do comboio e a conversa do maquinista e o chefe da estaçom.

— E logo quem véu hoje contigo?

— Nom sei quem é. Subiu em Santiago com duas ou três malas e dixo que tinha comprado umha casa aqui.

Numha vila como a Escravitude, a presença dumha pessoa foránea era umha notícia da importáncia dumha guerra mundial. Aquele dia o comboio nom partiu às três como tinha feito durante os vinte anos que levava de linha. O Domingos, o maquinista, e o Valero, o chefe da estaçom, ficárom conversando até ao serao.

— Será umha dessas turistas que venhem da cidade buscando tranquilidade. Dizem que agora está muito na moda isso de ir à aldeia.

— Deve ser gente de dinheiro para comprar umha casa só para as férias. Além disso, ainda é bem raro começar as férias no outono, ainda se fosse aí em agosto...

O Domingos e o Valero continuárom falando até às cinco da tarde, tentando descobrir quem era e que vinha fazer a Berta à Escravitude, com os únicos dados de que subira no comboio em Santiago, que levava três malas e que comprara umha casa na vila.

Berta chegara cansada da viagem e nom parara para conhecer a vila que ia ser, a partir desse momento, o seu lugar de residência. Foi diretamente descansar na a casa recém comprada, levava toda a noite viajando sem quase dormir nada e qualquer espaço habitável lhe serviria. Assim, nom se importou com que a casa estivesse ainda sem limpar, com os móveis amontoados na sala e que tivesse o cheiro ranço dos lugares que levavam muito tempo sem arejar. Chegou à casa e deitou-se num sofá para ficar imediatamente dormida.

Na Escravitude havia três meses que se falava da Berta apesar de ninguém a conhecer. Começara-se a falar dela quando apareceu umha camioneta de mudanças e esvaziou a carga na casa do Lino Bouças, um emigrante que partira havia já setenta anos e do qual só se voltara a saber no momento da morte. Contara-se que o Lino Bouças decidira suicidar-se quando a família se negara a viajar de novo à sua terra natal, e deixara de falar-se dele porque, numha vila como a Escravitude, a morte era um ato transcendente e fora da vontade humana, qualquer um que ousasse mudar dessa maneira a